

## PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PRÁTICA ONCO-PEDIÁTRICA

### TRAINING PROCESS OF THE NURSE IN ONCO-PEDIATRIC PRACTICE

*Gabriela S. Brandão de Sousa<sup>1</sup>, Luciana Fernandes Maracaipe<sup>1</sup>, Isabela A. Albuquerque<sup>2</sup>, Alexandro Barreto Almeida<sup>3</sup>*

1. Acadêmica de Enfermagem. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil.

2. Enfermeira. Pós-Graduada em Obstetrícia. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil

3. Fisioterapeuta. Faculdade de Ciência e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil. [alexandrobaretto@senaaires.com.br](mailto:alexandrobaretto@senaaires.com.br)

#### RESUMO

O cuidar em oncologia pediátrica é desafiador, pois requer, além de recursos materiais e terapêuticos específicos, uma equipe multidisciplinar atenta para o que se passa no universo infantil. Exige profissionais com responsabilidade, compromisso, preparo e sensibilidade para cuidar da criança que ali se encontra doente. Apresenta-se como objetivo analisar artigos que contenham pesquisas acerca da formação do enfermeiro e nas dificuldades encontradas por enfermeiros onco-pediátricos na vida profissional. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica integrativa de abordagem qualitativa. Observou-se que a maioria das universidades brasileiras seguem o mínimo exigido da grade curricular de enfermagem, e isso acarreta consequências para os egressos recém-formados, ainda sem especialização que tentam entrar no mercado de trabalho oncológico. Os que conseguem ingressar e não estão totalmente preparados para a realidade da oncologia-pediátrica, durante o curso generalista, tem como incentivo e gastos extras dentro do mercado de trabalho, os estudos continuados oferecidos pelos contratantes e podem também ter como consequência em suas vidas, doenças ocupacionais.

**Descritores:** Enfermagem; Pediatria; Estresse Psicológico.

#### ABSTRACT

Care in pediatric oncology is challenging, as it requires, in addition to specific material and therapeutic resources, a multidisciplinary team attentive to what is happening in the children's universe. It requires professionals with responsibility, commitment, preparation and sensitivity to care for the child who is sick there. The objective of this study is to analyze articles that contain researches about nursing education and the difficulties encountered by Onco-pediatric nurses in professional life. This was an integrative bibliographic research of qualitative approach. It was observed that most Brazilian universities follow the minimum required of the nursing curriculum, and this leads to consequences for newly graduated graduates. Still without specialization trying to enter the oncological labour Market. Those who can enter and are not fully prepared for the reality of Oncology- Pediatric, during the course, has as incentive and extra spending within the labor market, the continued studies offered by the contractors and may also have as a consequence in their lives, occupational illnesses.

**Descriptors:** Nursing; Pediatrics; Emotional Stress.

**Como citar:** Sousa GSB, Maracaipe LF, Albuquerque IA, Almeida AB. Processo de formação do enfermeiro na prática onco-pediátrica. Rev Inic Cient Ext. 2019; 2(1): 46-50.

## INTRODUÇÃO

O câncer infantil corresponde um grupo de doenças (tumores sólidos e doenças sistêmicas) que tem em comum a proliferação desordenada e descontrolada de células anormais, comprometendo tecidos e órgãos. A neoplasia na infância suscita mudança repentina e drástica na rotina da vida, desde o diagnóstico e o tratamento até o desfecho imprevisível da cura ou impossibilidade destas.<sup>1</sup>

A assistência em oncologia desenvolve-se pelo cuidado preventivo, curativo e paliativo. As crianças em tratamento oncológico necessitam de um tratamento humanizado, que cuide não só de seu corpo biológico, mas também da sua subjetividade, com isso, a assistência de enfermagem se configura como um importante instrumento na efetivação desse processo. A Assistência de Enfermagem deve ser pautada em habilidades humanísticas, intuitivas e de relacionamento interpessoal e de fundamental importância, pois permite o enfrentamento do medo e da ansiedade pela criança em tratamento causado pelas adversidades da hospitalização.<sup>1</sup>

No que concerne à oncologia pediátrica, é necessário congregarmos esforços para uma participação mais efetiva dos profissionais de saúde no diagnóstico precoce, no controle da doença e na melhoria da qualidade da assistência prestada. Existe uma lacuna considerável na capacitação em oncologia, cuja base é a graduação, já que a maioria dos cursos de enfermagem, geralmente, não oferece um aprofundamento importante nessa área.<sup>2</sup>

No ambiente laboral, o estresse de enfermeiro pode decorrer da relação entre a notável responsabilidade e limitada autonomia de interferir na produtividade desses profissionais. Compreende-se que o estresse é um fenômeno complexo que, pode causar mudanças fisiológicas psicológicas, emocionais e comportamentais.<sup>3</sup>

A morte apesar de inevitável em algum momento da vida do ser humano, não é uma questão simples de ser discutida uma vez que, em nossa cultura, muitas vezes é representada pelo pavor e pela não aceitação.<sup>4</sup> Ao se deparar com esse ambiente, o enfermeiro deve buscar artifícios para cuidar com arte, habilidade empática e muita criatividade. Ademais, o diagnóstico de câncer envolve sentimentos próprios de sofrimento que trazem mudanças profundas na vida das crianças e de suas famílias, por isso, os aspectos socioculturais, emocionais e espirituais devem ser passíveis de cuidados e intervenção, como contextos decisivos na evolução da patologia.<sup>5</sup>

A dicotomia presente entre teoria e prática pode ser afirmada sob a suposição de que o ensino e enfermagem não prepara suficientemente o enfermeiro para o seu exercício profissional e não atende às exigências atuais do mercado de trabalho.<sup>6</sup>

O presente artigo justifica-se devido o déficit na aprendizagem durante o curso de enfermagem não se aprofundar o bastante no tema oncológico ou onco-pediátrico, assim interferindo na vida profissional do enfermeiro que escolhe a área, apresenta-se como objetivo mostrar as dificuldades encontradas por enfermeiros onco-pediátricos em relação ao tratamento e cuidados, mercado de trabalho e de lidar com os aspectos psicológicos decorrentes da doença.

## MÉTODO

Processo de formação do enfermeiro na prática onco-pediátrica foi analisado por meio de revisão descritiva de literatura de artigos científicos com abordagem qualitativa utilizando as bases de dados PubMed (US National Library of Medicine National Institutes of Health) e Google Scholar. Foram utilizados os descritores "enfermeiro" "oncologia" "pediátrica" "concepção do enfermeiro" "dificuldades oncológicas" "estresse profissional".

Na pesquisa foram incluídos apenas artigos científicos publicados no período de 2006 a 2018 e no idioma português. Foram excluídos artigos acadêmicos o contrário dos critérios de inclusão. No total foram encontrados 25 resultados, sendo selecionados e analisados 12 artigos que se adequaram ao tema, sendo os outros excluídos por serem monografia, dissertação, tese ou não estarem disponíveis na íntegra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil do formando egresso/profissional descrito nas diretrizes curriculares é: Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de reconhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil

epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.<sup>7</sup> O que nos leva a questionar, quais tem sido os compromissos firmados pelas instituições de ensino, referentes a diretriz curricular nacional? Esse enfermeiro generalista está apto para o mercado de trabalho e para exercer a profissão com as demandas prevalentes na região que atua?

Nesse sentido levamos o questionamento para a aérea oncológica, o quanto esse enfermeiro generalista formado por instituições nacionais, seguindo as diretrizes nacionais, tem contato com o ambiente oncológico? O quanto ele sabe sobre tratamentos, medicações, modos de lidar com situações de sofrimento ou perda de pacientes, ainda mais em áreas onco-pediatras, a base comum curricular não obriga as instituições a darem esse contato direto com áreas específicas, pois cabe ao estudante procurar uma especialização quando terminar o ensino superior.

Os relatos das enfermeiras acerca do ensino da oncologia, na grade curricular do Curso de Graduação em Enfermagem, demonstram que esse ainda é escasso ou bastante limitado, o que implica dificuldades de atuar na área e de produzir um cuidado ampliado à criança com câncer a partir do ensino da graduação, como relatado a seguir: [...] quando eu me formei eu não paguei [**cursei**] oncologia prática, só paguei [**cursei**] oncologia na teoria, a gente sabe que é muito diferente [...] *você não se sente preparada [...] tinha dificuldade nos nomes, você não sabe o que é que vem primeiro, a ordem da infusão dos quimioterápicos (E2); [...] eu entrei aqui [**serviço de oncologia pediátrica**], sem nenhuma informação de como era, o que eu estava fazendo, como era que eu ia fazer [...] para que servia aquela medicação que estava sendo feita (E3).*<sup>2</sup>

Mesmo as pessoas que possuem a matéria na grade curricular encontram grande dificuldades no mercado de trabalho, pois o que é oferecido na instituição e ensino não é nem o básico de um tratamento oncológico.

Em 1987, durante o 1º Simpósio brasileiro sobre educação em cancerologia, realizado em Brasília, Formou-se a Comissão Nacional para o Ensino de Cancerologia nos cursos de graduação em Enfermagem, na qual foi elaborado o documento “Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem”. Após esse documento inicial, foram realizados seminários sobre o ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem, que debateram estratégias para operacionalizar a proposta, e alguns avanços, foram identificados, entre os quais, a inclusão de experiências práticas em ações de promoção, prevenção e detecção precoce do câncer. Porém, não houve a continuidade necessária para que esses movimentos tivessem prosseguimento.<sup>6</sup>

O processo evolutivo da profissionalização do Enfermeiro no Brasil tem sido dirigido e comandado pelos modelos de currículos mínimos obrigatórios, legalmente determinados, nem sempre consoantes à realidade do país.<sup>8</sup>

O enfermeiro que atua na oncologia detém um conhecimento técnico-científico complexo, específico e essencial para sua prática. O cuidado nessa área demanda tempo e dedicação e inclui o componente ético e emocional, o aspecto cognitivo, a percepção, o conhecimento e a intuição.<sup>2</sup>

Desse modo, é fundamental que as Instituições de Ensino repensem suas estratégias e prioridades para a formação de novos profissionais que prestarão assistência a uma população que cresce rapidamente e que cada vez mais procura os serviços de saúde para o atendimento de suas necessidades. Portanto, é imprescindível uma reflexão acerca da formação inicial do enfermeiro.<sup>8</sup>

A transição entre universidade e mercado de trabalho também é desafiador, para os egressos recém-formados, pois entra em discussão ansiedade, capacidade, responsabilidade atribuídas ao enfermeiro e falta de experiência.

Diante disso, as Instituições de Ensino Superior (IES) vêm repensando a formação dos enfermeiros, com intuito de adequar os Projetos Pedagógicos (PP), conforme preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2001), em que é estabelecido como perfil do profissional/egresso um “Enfermeiro com formação generalista, humanista, crítica, reflexiva” e que possua como competências gerais a capacidade de atenção à saúde, tomada de decisões, habilidade de liderança, administração e gerenciamento e educação permanente<sup>9</sup>

Mesmo com esse cenário, ainda é muito escasso estudos sobre o assunto, o que nos faz pensar se essa PP ou as diretrizes necessitam de mudanças.

Além da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, dúvidas sobre como lidar com situações que deveriam ser básicas no Ensino Superior de Enfermagem, como tratamentos oncológicos, cuidados a pacientes terminais, ciclos quimioterápicos, os egressos de enfermagem não são preparados a lidar com certas situações.

Os enfermeiros sentem-se despreparados para trabalhar com a criança e a família durante o processo de morte. A falta de conhecimento teórico sobre o assunto, bem como o despreparo para ajudar a criança e a família no enfrentamento da morte, deixa os profissionais inseguros. Eles sentem-se responsáveis pela promoção da morte digna, mas nem sempre conseguem proporcioná-la à criança.<sup>10</sup>

*... muitas vezes não acontece por falta de preparo porque o profissional é jogado na oncologia e não sabe lidar com a morte, também não recebe nenhum preparo para isso, então as pessoas fogem, cada um tem suas defesas né... (E6).*<sup>10</sup>

Frequentemente, o profissional recém-graduado sente-se incapaz e, com isso, insatisfeito com seu trabalho, pois nem sempre consegue realizar com êxito a função que é de sua competência, nem mesmo se acha capacitado para assumir determinados cuidados para com seu paciente, pela falta de habilidade, medo de errar<sup>2</sup> e insegurança para iniciar determinados procedimentos, gerando situações que causam angústia e ansiedade.<sup>11</sup>

Essa realidade pode acarretar muitas consequências, uma delas sendo as doenças ocupacionais.

O desgaste emocional das pessoas, em suas relações no ambiente de trabalho, constitui fator muito significativo na determinação de transtornos relacionados ao estresse, como é o caso das depressões, ansiedade patológica, pânico, fobias, doenças psicossomáticas, dentre outras.<sup>12</sup>

Os enfermeiros, frente a essas situações encontradas em seu cotidiano, devem estar atentos para que toda essa carga de emoções e sentimentos que se apresentam como verdadeiros desafios para o exercício profissional não afete a manutenção da sua integridade física e psicossocial e comprometa a qualidade da assistência prestada.<sup>13</sup>

O estresse possui também papel desencadeador de angina, infarto e morte súbita, uma vez que aumenta a secreção de catecolaminas, elevando assim a pressão arterial, frequência cardíaca, lipídios séricos e a agregação plaquetária, facilitando, com isso, a formação de trombo arterial.<sup>13</sup>

Estudo realizado em Londrina-PR com enfermeiros recém-formados refere que, dos 15 entrevistados, três enfermeiros relataram que não se sentiram preparados para a função, alegando que o fator principal do despreparo foi a insegurança gerada no início da carreira. Dos três enfermeiros que responderam que se sentiram parcialmente preparados na época do primeiro emprego, dois alegaram que alguns conteúdos não foram abordados na graduação ou que faltou aprofundamento em alguns temas. Apenas um relatou que se sentiu preparado, porém com alguns receios.<sup>11</sup>

Entretanto, as pessoas diferem quanto à sua forma de reagir aos desafios impostos pela vida. Enquanto algumas são capazes de superar uma perda altamente significativa, outros podem dar início a um transtorno psiquiátrico diante de um acontecimento estressante de menor gravidade. Assim, as variáveis individuais desempenham um papel decisivo na formação de um problema psicopatológico.<sup>14</sup>

Essa preparação para a realidade encontrada em um ambiente de estresse como a onco-pediatria, é falha durante o curso de enfermagem, os egressos não são preparados psicologicamente para a realidade que encontrarão no mercado de trabalho, principalmente em relação a morte, sofrimento e de como lidar com a equipe multiprofissional.

Quando interrogados sobre as maiores dificuldades enfrentadas ao iniciara carreira profissional relataram:<sup>11</sup>

- *Realização de projetos, pois quando fiz o curso as pesquisas praticamente não existiam. Tive que estudar muito para superar falhas no aprendizado durante o curso.*
- *Liderança, óbito do paciente, relacionamento com família do doente.*
- *Aceitação por alguns funcionários, dificuldades de liderar por tratar todos com igualdade e vencer inseguranças por situações nunca vivenciadas.*<sup>11</sup>

Em enfermagem, exercitar no âmbito de uma competência é permitir consolidar conhecimentos trazidos para a prática, isto é, relacionar os saberes as situações no contexto da prática.<sup>11</sup>

## CONCLUSÃO

Tendo em vista o levantamento e leitura dos artigos pesquisados, observou-se que existe pouco conteúdo produzido nos últimos doze anos, mas os artigos consultados para a confecção deste trabalho de revisão literária, mostram uma igualdade de ideias no que se refere a ensino generalista do enfermeiro em relação a preparação para o campo de trabalho, a base comum curricular do ensino superior de enfermagem se mostra insuficiente para o enfermeiro entrar no mercado de trabalho, pois só é ensinado

o mínimo exigido pelas diretrizes, formando assim profissionais que o mercado de trabalho rejeita e quando aceita o enfermeiro não sabe lidar com situações encontradas dentro de unidades de tratamento oncológicos pediátricos por exemplo. Dando assim força ao ensino continuado de uma especialização e até mesmo as próprias empresas oferecem cursos de educação continuada para que esse déficit de aprendizagem diminua. Os pontos positivos da pesquisa, foram que já foi criada uma Comissão Nacional para o Ensino de Cancerologia nos anos 70, que apoia a ideia de que os egressos de enfermagem deveriam ter mais contato com áreas específicas como o da oncologia, para que as dificuldades já encontradas no meio fossem assim amenizadas.

Dessa maneira podemos perceber que o aprimoramento é sempre necessário e deve ser buscado sempre tanto pelos profissionais já formados, quanto pelas Universidades que formam profissionais com a mínima condição de atuar na área oncológica, que poderiam criar projetos de extensão para quem tem interesse em atuar nessa área, ou também grupos de estágio com adaptações hospitalares durante o curso.

## REFERÊNCIAS

1. Neves JN, Mendes RG, Santos WL, Enfermagem em oncologia pediátrica; fatores de excelência na assistência integralizada. REVISA
2. Amador DD. Gomes IP. Coutinho SED. Costa TNA Collet N. - Concepção dos enfermeiros acerca da capacitação no cuidado à criança com câncer, Scielo, 2011.
3. Santos FD. Cunha MH. Robazzi MLCC. Pedrão LJ. Silva LA.; Terra FS. - O estresse do enfermeiro nas unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão da literatura - SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed.port.)
4. v.6 n.1 Ribeirão Preto 2010.
5. Santos, AF. Santos, MA. Estresse e Burnout no Trabalho em Oncologia Pediátrica: Revisão Integrativa da Literatura. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, 2015.
6. Santos MR. Silva L. Misko MD. Poles K. Bousso RS - Desvelando o cuidado humanizado: percepções de enfermeiros em oncologia pediátrica. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, 2013.
7. Ito EE, Peres AM. Takahashi RT. Leite MM. ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. Rev Esc Enferm USP, 2006.
8. Nascimento LC. Oliveira FCS. Moreno MF. Silva FM. - Cuidado espiritual: componente essencial da prática da enfermeira pediátrica na oncologia, Scielo, 2010.
9. Calill AM. Prado C. - O ensino de oncologia na formação do enfermeiro - Revista Brasileira de Enfermagem, v.62, n.3, p.467-470, 2009.
10. Jesus BH. Prado ML. Spillere LBB. Gomes DC. Canever BP. - Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 17, núm. 2 Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
11. Souza LF. Misko MD. Silva L. Poles k. Santos MR., Bousso RS. - Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia, Rev Esc Enferm USP, 2013.
12. Souza FA. Paiano M. - Desafios e dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem em início de carreira, Revista Mineira de Enfermagem, 2010.
13. Santos FD. Cunha MHF. Robaza MLCC. Pedrão LJ. Silva LA. Terra FS - O estresse do enfermeiro nas unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão da literatura, SMAD, 2010

Recebido em: 10/11/2018

Aceito em: 10/12/2018